

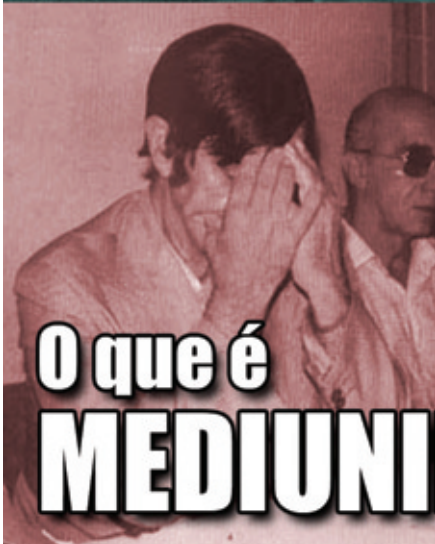


escaLa

coleção

Sem Mistérios

02



O que é

MEDIUNIDADE?

O que é Mediunidade?

Vivência Editora

Editor e Diretor de arte: Victor Rebelo

Jornalista: Érika Silveira

Rua Major Basílio, 441, sala 22 - Mooca - São Paulo - SP

Fone: (11) 6605-4651 - rcespiritismo@terra.com.br

PROGRAMA

Música & Mensagem

Apresentação

Victor Rebelo

Músicas espíritas
e espiritualistas,
entrevistas, auto-ajuda
e estudo das religiões

Aos domingos,

Às 20 horas

Rádio Mundial

92,5 FM (SP)

e 95,7 FM

Revista Cristã de

ESPIRITISMO

Nas bancas de todo Brasil

O que é Mediunidade?

Textos de:

Edvaldo Kulcheski

Maria Aparecida Romano

Índice

1 - Introdução	06
2 - A mediunidade na antiguidade	08
3 - O que é mediunidade?	26
4 - O que é clarividência?	36
5 - O que é clariaudiência?	43
6 - O que é psicofonia?	49
7 - O que é psicografia?	59
8 - Identificando os espíritos	69
9 - Tiptologia e mesas girantes	77
10 - O que é materialização?	93
11 - A ciência espírita de Willian Crookes	111
12 - O que é mediunidade de cura?	121

Introdução

A mediunidade é um fenômeno espiritual que ocorre com muito mais freqüência do que imaginamos. Como disse Paulo, o apóstolo do cristianismo, estamos rodeados de espíritos. Por existirem em planos mais sutis, imponderáveis para a física mecânica, com leis ainda desconhecidas pela ciência, não acreditamos em sua existência e por isso, temos dificuldade em perceber suas influências.

Potencialmente, todos somos médiuns, independente de nossa religião, pois a mediunidade é algo inerente ao espírito (lembre-se de que você é um espírito, apenas está temporariamente encarnado). Porém, as pessoas não possuem a mediunidade no mesmo grau. Alguns a possuem em estado bastante a florado, de forma ostensiva; são pessoas muito sensíveis. Outras, a possuem apenas em estado latente e recebem do plano espiritual apenas uma vaga impressão.

Costumamos chamar de médiuns aqueles que possuem esta faculdade de maneira

ostensiva, portanto, deste ponto de vista, poucos podem ser considerados médiums.

Mediunidade não significa, necessariamente, que a pessoa que a possua seja um espírito evoluído. Existem aqueles que são bastante sensíveis, mediunicamente, por viverem em um clima interior mais elevado, mais desapegado da matéria. É uma conquista do espírito. Mas a grande maioria dos médiums recebe uma preparação em seu corpo espiritual (perispírito ou corpo astral) antes de reencarnar, para estarem em condições de exercer a mediunidade. É uma oportunidade de evolução e de repararem os erros cometidos em outras encarnações através da caridade, do auxílio ao próximo. Podemos receber as sugestões dos nossos benfeitores espirituais (anjos da guarda, no catolicismo) nos momentos que necessitarmos. Basta que elevemos nossos corações em prece e amor para que a Paz esteja entre nós.

Mediunidade é equilíbrio e responsabilidade!

Victor Rebelo

15/07/2004

A mediunidade na antiguidade

Certas pessoas consideram, sem razão, a mediunidade um fenômeno peculiar aos tempos atuais, enquanto outras acreditam ter sido inventada pelo espiritismo. A fenomenologia mediúnica, entretanto, é de todos os tempos e de todos os países e religiões, pois desde as idades mais remotas existiram relações entre a humanidade terrena e o mundo dos espíritos.



A faculdade mediúnica sempre existiu desde o surgimento do homem na face da Terra, pois se trata de uma faculdade inerente ao seu espírito. A humanidade tem sido guiada,

desde sua origem, por leis do mundo oculto já comprovadas na face do orbe, graças a essa faculdade mediúnica inata no primeiro espírito aqui encarnado.

Os fenômenos mediúnicos, no passado remoto, eram tidos como maravilhosos, sobrenaturais, sob a feição fantasiosa dos milagres que lhe eram atribuídos em razão do desconhecimento das leis que os regem. Aqueles que podiam manter intercâmbio com o mundo invisível eram considerados privilegiados.

A mediunidade na Índia

A relação entre os mundos material e espiritual tem sido registrada em todas as épocas da humanidade. Como exemplo, temos o Código dos Vedas, o mais antigo código religioso que se tem notícia, onde se encontra o registro da existência dos espíritos: “Os espíritos dos antepassados, no estado invisível, acompanham certos brâmanes, convidados para cerimônia em comemoração

dos mortos, sob uma forma aérea; seguemos e tomam lugar ao seu lado quando eles se assentam”.

Desde tempos imemoriais, os sacerdotes brâmanes, iniciados nos mistérios sagrados, preparavam indivíduos chamados “faquires” para a obtenção dos mais notáveis fenômenos mediúnicos, tais como a levitação, o estado sonambúlico até o nível de êxtase, a insensibilidade hipnótica à dor, entre outros, além do treino para a evocação dos Pitris (espíritos que vivem no espaço, depois da morte do corpo), cujos segredos eram reservados somente àqueles que “apresentassem 40 anos de noviciado e de obediência passiva”.

A iniciação entre os brâmanes comportava três graus. No primeiro, eram formados para se encarregar do culto vulgar e explorar a credibilidade da multidão. Ensinava-se a eles comentar os três primeiros livros dos Vedas, dirigir as cerimônias e cumprir os sacrifícios.

Os brâmanes do primeiro grau estavam em comunicação constante com o povo, eram seus diretores imediatos. O segundo grau era composto dos “exorcistas, adivinhos e profetas evocadores de espíritos”, que eram encarregados de atuar sobre a imaginação das massas, por meio de fenômenos sobrenaturais. No terceiro grau, os brâmanes não tinham mais relações diretas com a multidão e quando o faziam, era sempre por meio de fenômenos aterrorizantes e de longe.

A mediunidade no antigo Egito

No Egito antigo, os magos dos faraós evocavam os mortos e muitos comercializavam os dons de comunicabilidade com os mundos invisíveis para proveito próprio ou dos seus clientes, fato esse comprovado pela proibição de Moisés aos hebreus: “Que entre nós ninguém use de sortilégio e de encantamentos, nem interrogue os mortos para saber a verdade” (Deuterônimo).

De forma idêntica às práticas religiosas

da antiga Índia, as faculdades mediúnicas no Egito foram desenvolvidas e praticadas no silêncio dos templos sagrados, sob o mais profundo mistério e rigorosamente vedadas à população leiga. A iniciação nos templos egípcios era cercada de numerosos obstáculos e exigia-se o juramento de sigilo. A menor indiscrição era punida com a morte.

Saídos de todas as classes sociais, mesmo das mais ínfimas, os sacerdotes eram os verdadeiros senhores do Egito. Os reis por eles escolhidos e iniciados só governavam a nação a título de mandatários. Todos os historiadores estão de acordo em atribuir aos sacerdotes do antigo Egito poderes que pareciam sobrenaturais e misteriosos.

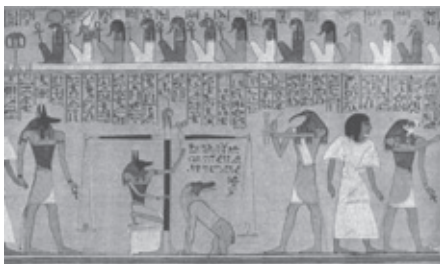
Os magos dos faraós realizavam todos esses prodígios que são referidos na Bíblia. É bem certo que eles evocavam os mortos, pois Moisés, seu discípulo, proibiu formalmente que os hebreus se entregassem a essas práticas.

Os sacerdotes do antigo Egito eram tidos como pessoas sobrenaturais, em face dos

poderes mediúnicos que eram misturados maliciosamente com práticas mágicas e de prestidigitação. A ciência dos sacerdotes do Egito antigo ultrapassava em muito a ciência atual, pois conheciam o magnetismo, o sonambulismo, curavam pelo sono provocado, praticavam largamente a sugestão, usavam a clarividência com fins terapêuticos e eram célebres pelas práticas de curas hipnóticas.

No tempo em que Moisés libertou o povo

hebreu do cativeiro egípcio, vamos encontrar o espírito daquele que um dia seria o codificador da doutrina espírita envergando a túnica sacerdotal e já detentor de sabedoria que o colocava como sacerdote preferido do faraó Ramsés II. O sacerdote Amenophis era médium de efeitos físicos, inclusive existem relatos sobre as sessões



de materialização que eram realizadas naquela época.

A mediunidade na Suméria, Babilônia e Grécia antiga

A medicina entre os sumerianos era um curioso misto de ervanaria e magia, cujo receituário consistia principalmente em feitiços para exorcizar os maus espíritos que acreditavam ser a causa das moléstias.

Já os babilônios primitivos viviam cercados de superstições. Acreditavam que hordas de espíritos malévolos se escondiam na escuridão e cruzavam os ares, espalhando em seu caminho o terror e a destruição, para os quais a única defesa eram os sacrifícios e os sortilégios mágicos.

Se o antigo povo babilônio não inventou a feitiçaria, foi ao menos o primeiro a lhe dar um lugar de grande importância, a ponto do desenvolvimento da demonologia e da bruxaria terem exigido leis que prescreviam a pena de morte contra seus praticantes. Há

provas de ter sido muito temido o poder dos feiticeiros.

Na Grécia, a crença nas evocações era geral. Todos os templos possuíam as chamadas “pitonisas”, encarregadas de proferir oráculos evocando os deuses, mas às vezes o consultante queria ele próprio ver e falar com a “sombra” desejada e, como na Judéia, conseguia-se colocá-lo em comunicação com o ser ao qual desejava interrogar (Delane, 1937).

A mediunidade nos celtas

Os celtas, povo pré-histórico que se espalhou por grande parte da Europa entre os séculos XXI e I a.C., atingindo o maior poderio do século VI ao III a.C., possuíam grupos fechados de sacerdotes especializados em comunicações com o além, chamados de “druidas”.

A escolha dos futuros sacerdotes era feita entre a classe aristocrática e, desde criança, já se submetiam à rigorosa disciplina e intenso aprendizado junto aos druidas mais

velhos. A sabedoria druídica já admitia a reencarnação, a inexistência de penas eternas, o livre-arbítrio, a imortalidade da alma, a lei de causa e efeito e as esferas espirituais.

Segundo o espírito de Zéfiro, aproximadamente no ano 100 a.C., Denizar Rivail foi um chefe druida. Marcou tanto essa etapa reencarnatória que o codificador decidiu assinar suas obras espíritas com o nome de Allan Kardec.

Oráculos gregos e romanos

Mediante a invocação de poderes sobrenaturais, o homem sempre recorreu a vários tipos de adivinhação. No mundo greco-romano, um dos meios mais difundidos foram os oráculos, que eram as respostas dadas pelos deuses a perguntas para eles formuladas, de acordo com determinados rituais executados por uma pessoa que atuava como médium ou pitonisa.

Os oráculos eram núcleos de intercâmbio medianímico onde trabalhavam sibilas,

pítons e pitonisas. Gente de todas as classes sociais, inclusive autoridades públicas, visitava estes lugares e recebia orientações das mais diversificadas. O termo refere-se também à própria divindade que respondia e a seu intérprete, bem como ao local onde eram dadas as respostas.

Os templos ou grutas destinados aos oráculos eram numerosos e dedicados a diversos deuses. Os rituais variavam dos mais simples, como tirar a sorte, aos mais complexos. Antes da consulta, a pitonisa e o consulente banhavam-se na fonte Castália, depois ela bebia água da fonte sagrada de Cassótiis e entrava no templo, onde o deus era invocado por meio de um ritual. Em seguida, sentada numa trípode, entre vapores sulfurosos (enxofre) e mascarando folhas de louro (a árvore sagrada de Apolo), entrava em transe ou “delírio divino”, quando transmitia as palavras do deus. A mensagem era anotada e interpretada pelos sacerdotes, que a passavam ao consulente freqüentemente na forma de versos.

As pessoas, após o contato com os espíritos, passavam por uma limpeza com enxofre. As emanações dessas substâncias tinham como função descontaminar as pessoas pela destruição dos miasmas ou fluidos deixados pelos mortos.

O mais famoso oráculo da antiguidade foi o santuário de Apolo em Delfos, localizado nas encostas do monte Parnaso, no golfo de Corinto, na Grécia. Embora sua existência já fosse conhecida por Homero, sua fama só se difundiu entre as comunidades helênicas nos séculos VII e VI a.C., quando começou a ser consultado por legisladores e chefes militares.

Na Grécia existiam muitos outros, mas se destacavam mais o oráculo de Zeus em Dodona, no noroeste, o oráculo de Epidauro, com o deus Asclépio, e o oráculo de Anficléia, com o deus Dionísio. Os oráculos sibílicos consistiam em profecias realizadas por mulheres chamadas sibilas. As mais famosas eram a de Eritrêia e a de Cumas.

Os romanos também tiveram os seus oráculos, chamados arúspices, que interpretavam as disposições dos deuses pelo exame das vísceras de animais sacrificados ou pelos fenômenos da natureza, como raios, trovões e eclipses. A expansão do cristianismo pôs fim à atividade dos oráculos.

A mediunidade na Bíblia

A Bíblia, com o Velho e o Novo Testamento, é uma fonte riquíssima de fenômenos mediúnicos. A tão propalada proibição de Moisés à evocação dos espíritos é uma das maiores confirmações sobre a existência da mediunidade.

Um caso de escrita direta é relatado por Daniel (5:5), ao afirmar que, “por ocasião em que se realizava um banquete oferecido pelo rei Balthazar (filho de Nabucodonosor), ao qual compareceram mais de mil pessoas da corte, no momento em que bebiam vinho e louvavam os deuses, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam defronte ao candeei-

ro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os movimentos da mão que escrevia”.

Há também os casos de levitação. O que se dá é que os espíritos operantes envolvem a pessoa ou coisa a levitar em fluidos, isolando-os assim do ambiente físico. A ação do espírito sobre o material a levitar se realiza pela utilização das suas próprias mãos, convenientemente materializadas ou condensadas. Ezequiel (3:14) diz: “Também o espírito me levantou e me levou consigo; e eu fui cheio de amargura, na indignação do meu espírito; porém a mão do Senhor estava comigo, confortando-me”. O mesmo Ezequiel (8:2) afirma: “Olhei e eis uma figura como de fogo; Estendeu ela dali uma semelhança de mão e me tomou pelos cachos da cabeça; o espírito me levantou entre a terra e o céu, e me levou a Jerusalém em visões de Deus”.

Um caso de incorporação aparece em Jeremias (39:15), quando diz: “O profeta da paz era médium de incorporação; quando o espírito o tomava, pregava contra a guerra aos

exércitos de Nabucodonosor”.

A vidência é exemplificada por Daniel (8:15), onde conta: “Havendo eu, Daniel, tido uma visão, procurei entendê-la e eis que se apresentou diante de mim com aparência de homem, veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim”. O mesmo Daniel (10:5) afirma: “Levantei os olhos e olhei, vi um homem vestido de linho, o seu rosto como um relâmpago. Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram, não obstante, caiu



Dia de Pentecostes:
manifestação de espíritos

sobre eles grande temor, fugiram e se esconderam, contudo ouvi suas palavras, e ouvindo-a, caí sem sentido, com o rosto em terra”.

Por fim, o caso mais significativo de materialização foi de Moisés, que, mediante este fenômeno, recebeu do alto a Tábua dos Dez Mandamentos, manifestação de uma vontade superior visando o despertar moral dos povos.

Evidências da presença espiritual na história

O filósofo grego Sócrates, constantemente orientado pelo guia espiritual, revela-se precursor do cristianismo. “Desde minha infância, graças ao favor celeste, sou seguido por um Ser quase divino, cuja voz me interpela a esta ou àquela ação”. Os discípulos de Sócrates se referem, com admiração e respeito, ao amigo invisível que o acompanhava com muita freqüência.

Paulo de Tarso, às portas de Damasco, teve a visão do nazareno em perfeita confi-

guração luminosa, convertendo-se deste modo em apóstolo e medianeiro do Mestre. Na Bíblia, Paulo deixa claro o intercâmbio entre os dois mundos ao afirmar: “Não extingais o espírito; não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retém o que é bom” (I Tessalonicenses). Também o apóstolo João mostra a possibilidade de comunicação entre os dois mundos, mas nos alerta para a qualidade dessa comunicação: “Não creais em todos os espíritos, mas provai se os espíritos são de Deus” (I João).

César, o grande imperador romano, esteve com a pitonisa Spurina, informando-se que no dia 15 de março algo muito grave aconteceria em sua vida. Na data prevista, César segue para o palácio e lá recebe 23 punhaladas, morrendo imediatamente. Outro imperador romano, Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e sua esposa, ambas assassinadas por sua ordem, que lhe pressagiaram a queda no abismo.

Jean Hus ou João Huss, nasceu em Husinec em 1369 (Allan Kardec desencarnou exatamente 500 anos após, em 1869). Estudou na capital francesa, formou-se bacharel em arte e teologia, obteve grande destaque como professor, foi nomeado deão da Faculdade de Filosofia e, posteriormente, reitor da Universidade.

Foi profundamente impregnado pelas idéias de Wycliffe (futuramente, Léon Denis), professor da Universidade de Oxford (Inglaterra) e considerado um dos maiores sábios de sua época. Wycliffe chamava o papa de anticristo, mau sacerdote, corrupto e ladrão. Foi sob influência dessas idéias e vivendo esses problemas sociais e políticos que João Huss desenvolveu seu pensamento e se tornou um grande pregador, recebia grande inspiração espiritual ao pregar. Pelos desrespeitos às regras canônicas e morais que a Igreja praticava naquela época, passou a atacá-la publicamente, sendo condenado e executado pela Santa Inquisição.

Joana d'Arc, desde pequena, escutava vozes no silêncio dos bosques, que atribuía a São Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina, os quais a incentivaram para se voltar a Deus e defender a França. Orientada pelas “vozes do céu”, assume a missão de libertar sua pátria do jugo inglês e, guiada por essas vozes, reorganizou o exército francês e conduziu Carlos VII ao trono.

Seu triunfo motivou inveja e intrigas que culminaram na sua captura. Foi perseguida como herege, submetida ao sacrifício inquisitorial e posteriormente condenada pelo fato de não querer negar essas vozes perante a Igreja. Mesmo no momento extremo, ainda afirmava ouvir os espíritos. Sua voz chegava até a silenciosa multidão, que escutava, aterrada, as suas preces e gemidos. Por fim, num último grito de agonia de amor, Joana disse: “Jesus”. Posteriormente, a Igreja que a condenou e à qual Joana sempre foi fiel declarou-a inocente.



O anjo e Maria: comunicação mediúnica

O que é Mediunidade?

Mediunidade é a faculdade humana pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. É uma faculdade natural, inerente a todo ser humano, por isso não é privilégio de ninguém. Em diferentes graus e tipos, todos a possuímos.

A mediunidade é, pois, a faculdade natural que permite sentir e transmitir a influência dos espíritos, ensejando o intercâmbio e a comunicação entre o mundo físico e o espiritual. Trata-se de uma sintonia entre os encarnados (vivos) e os desencarnados (mortos), permitindo uma percepção de pensamentos, vontades e sentimentos.

Sua finalidade é, antes de tudo, ser uma oportunidade de servir, uma bênção de Deus que faculta manter o contato com

a vida espiritual. Graças ao intercâmbio, podemos ter aqui não apenas a certeza da sobrevivência da vida após a morte, mas também o equilíbrio para resgatarmos com proficiência os débitos adquiridos nas encarnações anteriores.

É graças à mediunidade que o homem tem a antevisão do seu futuro espiritual e, ao mesmo tempo, o relato daqueles que o precederam na viagem de volta à erraticidade, trazendo-lhe informes de segurança, diretrizes de equilíbrio e a oportunidade de refazer o caminho pelas lições que ele absorve do contato mantido com os desencarnados. Assim, possui uma finalidade de alta importância, porque é graças a ela que o homem se conscientiza de suas responsabilidades de espírito imortal.

Sendo inerente ao ser humano, a mediunidade pode aparecer em qualquer pessoa, independentemente da doutrina religiosa que ela abraça. A história revela grandes médiuns em todas as épocas e em todos

os credos. Além disso, a mediunidade não depende de lugar, idade, sexo ou condição social e moral.

A ação dos espíritos

Diz a questão 459 de *O Livro dos Espíritos*: “Os espíritos influem sobre nossos pensamentos e ações? A este respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem”.

A idéia da ação dos espíritos não nasceu com o Espiritismo, já que sempre existiu desde as épocas mais remotas da vida humana na Terra. Todas as religiões pregam sobre a ação dos espíritos de uma forma direta ou indireta, mas nenhuma nega completamente estas intervenções. Inclusive criaram

**Através da mediunidade os espíritos
se comunicam conosco.
Não tem nada a ver com religião.**

dogmas e cerimônias relativas a elas, tais como promessas (pedir alguma forma de ajuda para um espírito em troca de um sacrifício) e exorcismos (cerimônia religiosa para afastar o “demônio” ou os espíritos maus).

A ação mediúnica não está limitada às sessões mediúnicas. Vivemos mediunicamente entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais. Isto se dá porque os espíritos povoam os mesmos espaços em que vivemos, acompanham-nos em nossas atividades e ocupações, vão conosco aos lugares que freqüentamos, seguindo-nos ou evitando-nos conforme os atraímos ou repelimos.

Estamos cercados por espíritos e sua influência oculta sobre os nossos pensamentos e atos se faz sentir pelo grau de afinidade que mantivermos com eles. Inúmeros espíritos benfeitores também se comunicam conosco, por via inspirativa ou intuitiva, todas as vezes em que nos dispomos a ser úteis aos nossos irmãos em nossa vida social. Quantas vezes

um conselho sensato e oportuno que damos sob a intuição de um benfeitor espiritual consegue mudar o rumo de uma vida e até, em certos casos, salvar ou evitar que uma família inteira seja precipitada no abismo de uma desgraça?

O amor verdadeiro e desinteressado não requer lugar nem hora especial para ser praticado, pois o nosso mundo, com o sofrimento da humanidade torturada, é igualmente um vasto campo de serviço redentor.

Entretanto, não julguemos que a mediunidade nos foi concedida para simples passatempo ou para satisfação de nossos caprichos. A mediunidade é coisa séria e com ela devemos suavizar os sofrimentos alheios. Ao desenvolvermos a mediunidade, lembremo-nos de que ela é dada como um arrimo para conseguirmos mais facilmente a perfeição, para liquidarmos mais suavemente os pesados débitos que contraímos em existências passadas e para servirmos de guia a irmãos que se encontram mais atrasados.



Mediunidade em desarmonia

Os sinais mais comuns do aparecimento da mediunidade em desarmonia são: cérebro perturbado, sensação de peso na cabeça e ombros, nervosismo

(ficamos irritados por motivos sem importância), desassossego, insônia, arrepios (como se percebêssemos passar alguma coisa fria), sensação de cansaço geral, calor (como se encostássemos em algo quente), falta de ânimo para o trabalho e profunda tristeza ou excessiva alegria sem saber a razão.

Mas o que o médium deve fazer nestes momentos de alterações emocionais? Todo médium iniciante, a fim de evitar inconvenientes na prática mediúcnica, primeiramente deve se dedicar ao indispensável estudo prévio da teoria e jamais se considerar dispensado de qualquer instrução, já que poderá ser vítima de mil ciladas que

os espíritos mentirosos preparam para lhe explorar a presunção.

Após o conhecimento teórico, deve procurar desdobrar a percepção psíquica sem qualquer receio. Na orientação do desenvolvimento mediúnico, é importante que procuremos as instruções espíritas, para evitarmos dissabores e percalços.

É aconselhável o desenvolvimento mediúnico em grupos especialmente formados para isto, pois pessoas bem orientadas, que se reúnem com uma intenção comum, formam um ambiente coletivo favorável ao intercâmbio. É aconselhável ainda que o médium jamais abuse da mediunidade, empregando-a para a satisfação da curiosidade.

Aprendendo a usar a mediunidade

Desenvolver a mediunidade é aprender a usá-la. Para que sejamos bem-sucedidos, devemos cultivar virtudes como a paciência, a perseverança, a boa vontade, a humildade e a sinceridade.

A mediunidade não se desenvolve de um dia para o outro, por isso, devemos ter muita paciência. Sem perseverança nada se alcança, pois o desenvolvimento exige que sejamos persistentes. Ter boa vontade é comparecermos alegres e cheios de satisfação às sessões. A humildade é a virtude pela qual reconhecemos que tudo vem de Deus. E se faltarmos com a sinceridade no desempenho de nossas funções mediúnicas, mais cedo ou mais tarde sofreremos decepções.

Ensinos é que não faltam em todas as circunstâncias de manifestações da vida. A faculdade mediúnica em harmonia pode fazer grandes coisas. A educação mediúnica pode começar no simples modo de falar aos outros, transmitindo brandura, alegria, amor e caridade em todos os atos da vida.

Como desenvolver a mediunidade

A mediunidade se desenvolve naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fa-

tos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a mediunidade se desenvolve no processo de relação.

Quando a mediunidade aflorar sem o preparo prévio do médium, é preciso orientá-lo para que os fenômenos se disciplinem e ele empregue acertadamente sua faculdade.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações ou quem tenha desconhecimento sobre o assunto. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psiquicamente, através de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários.

É fundamental que se cultive bons pensamentos, pois trazem as boas palavras e conduzem aos bons atos. O médium também precisa ser amigo do estudo e da boa leitura, além de moderado. Por fim, que cultive a oração diária, pois ela é um poderoso fortificante espiritual e um benéfico exercício de higiene mental.

O que é Clarividência?

Diz a questão 167 de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec: “Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os espíritos. A vidência é fenômeno mediúnico e na vidência mediúnica só o médium vê”. Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, quando estão perfeitamente despertos e dela conservam uma lembrança exata. Outros não a têm senão em estado sonambúlico ou próximo ao sonambulismo.

A questão 171 de *O Livro dos Médiuns* afirma que “a faculdade de ver os espíritos, sem dúvida, pode se desenvolver, mas é uma daquelas que convém esperar seu desenvolvimento natural, sem provocá-lo, caso não queira se expor a ser joguete da própria imaginação”.

O médium vidente acredita ver pelos olhos físicos, mas na realidade é a alma quem vê. Essa é a razão pela qual vêem tão bem tanto com os olhos fechados como com os olhos abertos. Em *Estudando a Mediunidade*, Martins Peralva diz: “Quantas vezes, tentando sustar uma visão desagradável produzida por um espírito menos esclarecido, o médium fecha os olhos e, quanto mais aperta, a visão se torna mais nítida e melhor se definem os contornos da entidade?”

Bastaria isso para a comprovação plena de que, pela vidência, não se vê os espíritos com os olhos corporais. Como disse Allan Kardec, o médium vê através da mente, que, nesse caso, funciona à maneira de um prisma, de um filtro que reflete diversamente quadros e impressões, idéias e sentimentos iguais em sua origem.

A vidência raramente é permanente e é, quase sempre, o efeito de uma crise momentânea e passageira. A questão 167 de *O Livro dos Médiuns* diz que “é providencial que a

vidência não seja constante”.

Esta faculdade é protegida por filtros que são defesas psíquicas do médium, fazendo com que ele veja aquilo que seja possível. Estamos rodeados de espíritos e vê-los todos e a todo momento nos perturbaria e embaralharia nossas ações, tirando-nos a iniciativa. Julgando-nos sós, agimos mais livremente.

Como ocorrem as visões

No organismo físico, o sentido da visão permite a constituição das imagens dos objetos na retina, segundo um sistema dióptico particular, aperfeiçoando-se as células receptoras da luz, cujo impulso nervoso alcança as vias ópticas, transportando as imagens captadas até a profundez do cérebro, onde a mente incorpora as interpretações que lhe são próprias e as analisa, plasmando observações para o arquivo.

Ainda considerando o campo de impressões físicas, embora a criatura empregue os olhos, ela vê com o cérebro e, apesar deste

utilizar as células do córtex para selecionar as imagens, quem vê, na realidade, é a mente.

No processo mediúnico, atuando sobre os raios mentais do medianeiro, o desencarnado transmite quadros e imagens, valendo-se dos centros autônomos de visão profunda, localizados no diencéfalo. As imagens vistas pelo médium podem ser reais ou plasmas e projetadas pelo espírito transmissor.

Mecanismos da clarividência (em uma sessão)

Em uma sessão espírita, o mentor espiritual responsável pela preparação do fenômeno da vidência aproxima-se do médium e lhe aplica forças magnéticas sobre seu chakra coronário, sensibilizando e ativando a glândula pineal, fazendo-a produzir um hormônio chamado melatonina.

A melatonina é direcionada para o globo ocular físico, isolando-o momentaneamente do nervo óptico, que é responsável pela con-

dução das imagens ao cérebro. Como o nervo óptico não receberá imagens, o médium perderá temporariamente a visão física.

Em seguida, o mentor espiritual, por processos fluídicos, aumenta a tela fluídica do chacra frontal, permitindo que imagens vistas pelos olhos perispirituais do médium cheguem até o nervo óptico físico e, através deste, sejam conduzidas até o cérebro físico, na parte do córtex cerebral responsável pela visão. Assim, o médium passa a ver as coisas do mundo espiritual. Nesse processo fluídico, o médium consegue ver as imagens vistas pelo perispírito, que, momentaneamente, são interpretadas pelo córtex cerebral físico.

Uma ocorrência produzida pelos espíritos pode ser vista diferentemente por dois ou mais médiuns. Cada um perceberá de acordo com seu mundo interior. É uma questão de sintonia.

O que é Clariaudiência?

A questão 165 de *O Livro dos Médiuns* explica bem a faculdade da audição. “Os médiuns audientes são dotados da faculdade de ouvir os espíritos. A audição é um fenómeno mediúnico e na audição mediúnica só o médium ouve”. Às vezes, é uma voz íntima que se faz ouvir no foro interior e, em outras, é uma voz exterior, clara e distinta, como a de uma pessoa viva.

Os médiuns audientes podem, assim, entrar em conversação com os espíritos. Isto é muito agradável quando o médium ouve somente os bons espíritos, mas não ocorre o mesmo quando um mau espírito se obstina junto a ele, fazendo-o ouvir coisas desagradáveis e, algumas vezes, inconvenientes.

O médium audiente acredita ouvir pe-

los ouvidos físicos, mas na realidade é a alma quem ouve. Essa é a razão pela qual ouvem tão bem tanto com os ouvidos tampados como com os ouvidos abertos. Em *Estudando a Mediunidade*, o autor lembra: “Quantas vezes fecha os ouvidos para não ouvir, comprimindo-os fortemente, sem contudo deixar de ouvir a voz dos espíritos?”

Bastaria isso, para a comprovação plena de que, pela audiência, não se ouve os espíritos com os ouvidos corporais. Como disse Kardec, o médium ouve através da mente, que, nesse caso, funciona como um prisma, um filtro que reflete diversamente impressões, idéias e sentimentos iguais na sua origem.

A audiência é uma faculdade raramente permanente e é, quase sempre, o efeito de uma crise momentânea e passageira. E como bem lembra a questão 165 de *O Livro dos Médiuns*, “é providencial que a audiência não seja constante”.

Esta faculdade mediúnica é protegida por filtros que são defesas psíquicas do mé-

dium, fazendo com que ouça aquilo que seja possível. Estamos rodeados de espíritos e ouvi-los todos e a todo momento nos perturbaria e embaraçaria nossas ações, tirando-nos a iniciativa. Julgando-nos sós, agimos mais livremente.

Como elas ocorrem

O sentido da audição no organismo físico consolida-se no ouvido interno, onde o tubo coclear vai encontrar as células evoluídas dos órgãos de Corti e as fibras nervosas do acústico encarregadas de transmitir as vibrações sonoras que atingem o ouvido médio, em estímulos nervosos a saírem através do nervo auditivo na direção da mente, que realiza a seleção dos valores ligados às sensações de tom, intensidade e timbre.

Considerando ainda o campo de impressões físicas, embora a criatura empregue os ouvidos, ela ouve com o cérebro e, apesar do mesmo fazer uso das células do córtex para selecionar os sons, quem ouve na reali-

dade é a mente.

Já no processo mediúnico, atuando sobre os raios mentais do medianeiro, o desencarnado comunica vozes e sons, utilizando-se da cóclea (parte interior do ouvido). Os sons ouvidos pelo médium podem ser reais ou plasmados e projetados pelo espírito transmissor.

O mentor espiritual responsável pela preparação do fenômeno da audiência aproxima-se do médium e lhe aplica forças magnéticas sobre o chakra coronário, sensibilizando e ativando a glândula pineal, o que faz com que ela produza um hormônio denominado melatonina.

A melatonina é direcionada para o centro coclear, isolando-o momentaneamente do nervo auditivo, que é responsável pela condução dos sons ao cérebro. Como o nervo auditivo não receberá qualquer tipo de som, o médium perderá temporariamente a audição física.

Em seguida, o mentor espiritual, através

de processos fluídicos, aumenta a tela fluídica do chacra frontal, permitindo que os sons captados pelos ouvidos perispirituais do médium cheguem até o nervo auditivo físico e, por intermédio deste, sejam conduzidas até o cérebro físico, na parte do córtex cerebral responsável pela audição. Desta forma, o médium passa a ouvir as coisas do mundo espiritual.

Nesse processo fluídico, o mentor envia seus fluidos de ligação ao chacra frontal do médium e, em seguida, ao cérebro físico, onde, por desativação da audição física, chegam ao córtex cerebral os sons vindos do perispírito em dimensões até então inaudíveis.

Da mesma forma que na clarividência, cada médium ouvirá do plano espiritual segundo seus próprios recursos psíquicos

O que é Psicofonia?

A psicofonia (incorporação) é a mediunidade que permite a comunicação oral de um espírito através do médium. Kardec a denominou “mediunidade falante”, ou seja, aquela faculdade que propicia o ensejo para que os espíritos entrem em contato através da palavra, travando conversações. É ainda conhecida popularmente como incorporação, mas este termo poderia sugerir uma falsa idéia de que o espírito comunicante penetra no corpo do médium, o que na verdade não acontece.

O médium é sempre responsável pela ordem do desempenho mediúnico e, seja qual for o grau de consciência, o papel dele é sempre passivo. Quando a educação mediúnica é deficiente ou viciosa, o intercâmbio é difi-

cultado, faltando liberdade e segurança. O médium reage à exteriorização perispirítica, dificulta o desligamento e quase sempre intervém na comunicação, truncando-a. Ele deve ser o intérprete nesse intercâmbio e, assim, entender o pensamento do espírito comunicante e transmiti-lo sem alteração.

As vantagens da psicofonia são muitas. Atualmente, é a faculdade mais encontrada nas práticas mediúnicas. É a porta mais acolhedora e acessível para a manifestação objetiva dos espíritos no plano material.

Esta forma de mediunidade é bastante proveitosa, principalmente pela possibilidade de estabelecer o diálogo com o espírito comunicante. Por permitir o diálogo direto, vivo e dinâmico com os espíritos, facilita o atendimento dos que precisam de ajuda ou esclarecimento, possibilitando ainda a doutrinação e consolação dos espíritos pouco esclarecidos sobre as verdades espirituais.

A psicofonia é uma das formas mais interessantes e úteis de mediunidade, não só

porque nos faculta entendimento direto e pessoal com os espíritos, como também a possibilidade de esclarecermos os espíritos inconscientes, imersos em escuridão mental, e os maldosos, realizando assim um ato de verdadeira caridade espiritual e cooperando com os companheiros que dirigem as organizações assistenciais do espaço dedicadas a esse trabalho.

Por meio da psicofonia, o médium, às vezes, chega a dizer coisas inteiramente fora do âmbito de suas idéias habituais, de seus conhecimentos e até fora do alcance de sua inteligência. Não é raro ver pessoas iletradas e de inteligência vulgar se expressarem em tais momentos com verdadeira eloquência e tratar, com incontestável superioridade, de questões sobre as quais seriam incapazes de emitir uma opinião no estado comum.

Entre as desvantagens da psicofonia, é preciso haver muita análise para avaliar bem a origem e valor da comunicação, pois geralmente a manifestação não chega a consti-

tuir uma prova de identificação do comunicante. Seu efeito é momentâneo, nem sempre bem compreendido e a mensagem pode ser deturpada ao se tentar reproduzi-la posteriormente, a não ser que seja gravada.

O mecanismo da psicofonia

O mentor espiritual responsável pela preparação do fenômeno da psicofonia aproxima-se do médium e lhe aplica forças magnéticas sobre seu chacra coronário, que sensibiliza e ativa a glândula pineal, fazendo-a produzir um hormônio chamado melatonina. A melatonina interage com os neurônios, tendo um efeito sedativo.

Em seguida, a melatonina é direcionada para a parte do córtex cerebral responsável pela fala e que vai ficar sob seu efeito, ou seja, sedada. Assim, o médium perde o comando sobre os órgãos da fala, permitindo que outro espírito se ligue a este sistema sensitivo e o utilize.

Posteriormente, os espíritos auxiliares

aproximam o espírito que irá se manifestar pela psicofonia e fazem a ligação perispiritual aos órgãos sensitivos da fala do médium, através do chakra laríngeo. O espírito comunicante temporariamente se apossa do órgão vocal do médium, apropriando-se de seu mundo sensitivo e conseguindo se expressar através da fala.

Conforme a mecânica de desprendimento perispiritual que ocorre no processo mediúnico, o médium psicofônico pode ser classificado como consciente, semiconsciente e inconsciente.

Psicofonia consciente

A psicofonia consciente é a mais comum entre os médiuns psicofônicos (cerca 70% do total). Nela, há uma exteriorização do perispírito do médium de apenas alguns centímetros. O espírito comunicante se aproxima do médium sem manter contato perispiritual e transmite telepaticamente as idéias que deseja enunciar. É a mediunidade dos

tribunos e pregadores, que manifestam a “inspiração momentânea”.

O espírito emite o pensamento e influi sobre o aparelho fonador do médium, que transmite as idéias conforme as entende e usando seu próprio estilo, vocabulário e construção de frases. Ou seja, a idéia é do espírito, mas o jeito de falar é do médium.

O médium sente a influência e capta o pensamento do espírito comunicante na origem, antes de falar. Desta forma, ele pode avaliar antes da manifestação, tendo fácil controle do fenômeno.

Semiconsciente

Fenômeno comum a 28% dos médiuns psicofônicos, na psicofonia semiconsciente existe uma maior exteriorização do perispírito do médium, mas ainda não completa. O espírito comunicante entra em contato com o perispírito do médium, que se semi-exterioriza, e atua através deste sobre o corpo físico, ficando os órgãos vocais do

médium parcialmente sob o controle do espírito que faz a comunicação.

Desta forma, o espírito tem maior atuação no órgão fonador, conseguindo falar melhor, em seu próprio estilo. Ou seja, apenas as frases são do médium, mas o estilo e as idéias são do espírito.

Enquanto a mensagem é recebida, o médium sabe o que fala, sente o padrão vibratório e a intenção do comunicante, podendo controlar e intervir se necessário. Porém, ao terminar a manifestação, só recordará do início e do final da mensagem, ficando apenas com uma vaga lembrança do tema abordado.

Inconsciente

Na psicofonia inconsciente, que representa somente 2% dos casos de médiuns psicofônicos, há uma exteriorização total do perispírito do médium, ficando apenas ligado pelo cordão fluídico. Inexiste ligação entre o cérebro do médium e a mente do espí-

rito manifestante e mesmo entre sua própria mente perispiritual e o cérebro físico. O fato do espírito do médium se exteriorizar do corpo físico temporariamente faz com que passe a estar inteiramente à disposição e sob controle do espírito comunicante.

A atuação do espírito sobre o organismo físico do médium é mais direta, através do chakra laríngeo e dos centros nervosos liberados. Assim, o comunicante tem maior intervenção material, modificando estilo, gestos e entonação de voz. Ou seja, as frases, o estilo e as idéias são todas do espírito.

A mensagem é transmitida sem que o médium guarde consciência cerebral dela, porém, em espírito, o mesmo está consciente. Ao recobrar a consciência, o médium geralmente nada recorda da mensagem deixada. A vantagem é que há maior liberdade para o espírito, que se identifica por gestos, entonação da voz e atitudes.

Foto: Marques Rebelo/Revista Espiritual de Umbanda



A psicofonia (incorporação) é a principal forma de mediunidade utilizada nos centros de Umbanda

O que é psicografia?

A psicografia é a mediunidade pela qual os espíritos influenciam a pessoa, levando-a a escrever. Os que a possuem são denominados médiuns escreventes ou psicógrafos.

Uma das vantagens da psicografia é ser o mais simples, cômodo e, sobretudo, completo de todos os meios de comunicação. Outra vantagem é que não pode ser alterada e não fica na dependência da memória ou da interpretação dos participantes da reunião (como no caso da mensagem oral). Além disso, a análise e a crítica às mensagens se torna mais fácil, permitindo um estudo acurado da mensagem quanto ao estilo, ao conteúdo e às idéias. Pode ainda ser comparada com outras ditadas anteriormente pelo mesmo espírito.

Fluido Vital

O fluido vital ou eletricidade biológica, como é classificada pela medicina acadêmica, escoá-se facilmente pelo corpo humano através da rede nervosa, principalmente pelas pontas dos dedos e cabelos, na forma de energia dinâmica em dispersão ou “fuga” pelas pontas. Os plexos nervosos são fontes de fluido vital armazenado, constituindo-se de reservas energéticas que, a qualquer momento, transformam-se em energia dinâmica, fazendo a conexão dos órgãos físicos e as suas respectivas contrapartes ou matizes situadas no perispírito, que são extremamente sensíveis à atuação de espíritos desencarnados. Quando o médium conserva maior potencial de carga magnética em torno dos plexos nervosos, ele também oferece melhor ensejo para os desencarnados acionarem os seus nervos motores e, assim, identificarem-se mais facilmente por suas características individuais.

O médium mecânico é mais apropriado para identificação dos desencarnados, pois a

seiva magnética que acumula nos plexos nervosos transforma-se em alavanca eficiente para os desencarnados comandarem os nervos motores dos braços e, desta maneira, exporem fielmente suas idéias e escreverem de forma idêntica à que usavam em sua vida física.

Mas o médium semimecânico vê-se obrigado a preencher intuitivamente todos os truncamentos ou vazios de suas comunicações, motivo pelo qual ele tem consciência perfeita de quase tudo o que escreve, embora o faça de modo semimecânico.

Quando lhe desaparecem os impulsos da mão na escrita mecânica, ele prossegue o comunicado passando a “ouvir” intuitivamente seus comunicantes, que ora escrevem diretamente, ora o fazem pelo ajuste perispiritual.

Classificação da psicografia

Conforme a mecânica do processo mediúnico, os médiuns psicógrafos podem ser classificados em três tipos: intuitivo, semimecânico e mecânico.

Intuitivo

Representando 70% dos médiuns psicógrafos, o médium intuitivo não abandona o corpo físico no momento em que escreve as mensagens dos espíritos. Neste caso, o espírito não atua sobre a mão para movê-la, atua sobre a alma do médium, identificando-se com ela e lhe transmitindo suas idéias e vontades. O médium as capta e, voluntariamente, escreve.

Portanto, tem conhecimento antecipado, mas o que escreve não é seu. Age como um intérprete que, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele e traduzi-lo. O pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro. No início, o médium confunde com seu próprio pensamento e as mensagens, às vezes, extrapolam o conhecimento do médium.

Semimecânico

Os médiuns semimecânicos, que representam 28% dos médiuns psicógrafos, tam-

bém não abandonam o corpo físico ao escreverem as mensagens. O espírito atua sobre a mão do médium, que não perde o controle dela, mas recebe uma espécie de impulsão.

O médium participa tanto da mediunidade mecânica como da intuitiva, pois escreve recebendo parte do pensamento dos espíritos pela comunicação e contato perispiritual, ao mesmo tempo em que outra parte é articulada pelos comunicantes, independentemente de sua vontade.

Os semimecânicos têm consciência do que escrevem à medida que as palavras vão sendo escritas. O médium tem um conhecimento parcial daquilo que lhe atravessa o cérebro perispiritual, mas passa a ignorar os trechos que lhe são escritos mecanicamente, sem fluir pelo cérebro físico.

Mecânico

Caso raro entre os médiuns psicógrafos (2%), os médiuns mecânicos, a exemplo dos

outros dois tipos, não abandonam o corpo físico no momento de escrever as mensagens. O espírito desencarnado atua sobre gânglios nervosos à altura do omoplata e, dessa forma, age diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a. Esse impulso independe da vontade do médium, ou seja, enquanto o espírito tem alguma coisa a escrever, movimenta a mão do médium sem interrupção.

Certos médiuns mecânicos chegam a trabalhar com ambas as mãos ao mesmo tempo e sob a ação simultânea de duas entidades. E em condições excepcionais, o médium ainda pode palestrar com os presentes sobre assunto completamente diferente do que psicografa. Nesse caso, o espírito comunicante consegue escrever na forma que era peculiar na vida física.

O médium mecânico não sabe o que sua mão escreve. Somente depois, ao ler, é que ele vai tomar conhecimento da mensagem. A escrita mecânica costuma ser célere, muito rápida.

O mecanismo da psicografia

O mentor espiritual responsável pela preparação do fenômeno da psicografia aproxima-se do médium e lhe aplica forças magnéticas sobre seu chacra coronário, que sensibiliza e ativa a glândula pineal, fazendo-a produzir um hormônio chamado melatonina. A melatonina interage com os neurônios, tendo um efeito sedativo. Em seguida, a melatonina é direcionada para a parte do córtex cerebral responsável pela coordenação motora, que vai ficar sob seu efeito, ou seja, sedada. Assim, o médium perde o comando sobre os órgãos da coordenação motora, permitindo que outro espírito se ligue a este sistema sensitivo e o utilize.

Depois, os espíritos auxiliares aproximam o espírito que irá se manifestar pela psicografia e fazem a ligação perispiritual aos órgãos sensoriais do movimento dos braços do médium. O espírito comunicante temporariamente se apossa dos gânglios nervosos à altura do omoplata do médium, apropri-

ando-se de seu mundo sensitivo e conseguindo se expressar pela escrita.

Médiuns polígrafos

Incluem-se nesta forma de mediunidade os casos de poligrafia, que é o chamado dom de mudar a escrita conforme o espírito que se comunica ou a reprodução da escrita que o espírito tinha em vida. O primeiro tipo de fenômeno é mais comum, enquanto que o segundo, a identidade da escrita, é mais raro.

Médiuns iletrados

Incluem-se nesta forma de mediunidade os médiuns que escrevem sem saber ler nem escrever no estado normal, mas que escrevem fluentemente quando em transe mediúnico. Esse tipo de médium é mais raro que os demais, porque há maior dificuldade material a vencer.

Médiuns políglotas ou xenoglotas

Nesta forma de mediunidade incluem-

se os casos de xenoglossia, o chamado dom das línguas (xeno = estranha; glota/glossia = língua), tão interessantes e convincentes para os incrédulos.

Os médiuns políglotas ou xenóglotas são os que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhe são desconhecidas ou até mesmo em dialetos já extintos no mundo. Também são casos muito raros de existirem.

Diretrizes de segurança

Os médiuns têm o dever de coibir o excesso de distúrbios da entidade comunicante. Devem controlar o espírito que se comunica para que este lhe respeite a instrumentalidade, mesmo porque o espírito não entra no médium. A comunicação é sempre através do perispírito, que vai ceder campo ao desencarnado. Todavia, a diretriz é do encarnado.

O médium deverá se ajustar ao esforço de vivenciar as lições evangélicas e se ater ao estudo, ao trabalho e à abnegação ao semelhante.

Mesmo médiuns inconscientes têm participação no fenômeno mediúnicos. Ao mesmo tempo, exercem a fiscalização e o controle, coibindo, quando devidamente educado, quaisquer abusos.

Para que um médium se torne seguro, um instrumento confiável, é necessário que evolua moral e intelectualmente, na razão que exercita sua faculdade. Neófitos atraídos para a prática mediúnica ansiosos pelos fenômenos e os médiuns invigilantes respondem pelos desequilíbrios das manifestações mediúnicas.

O médium mecânico não sabe o que sua mão escreve. Somente depois, ao ler, é que ele vai tomar conhecimento da mensagem

Identificando os espíritos

Normalmente, os espíritos podem ser identificados através de três meios: pelas sensações que o espírito transmite, pelo conteúdo da mensagem ou pela vidência.

Através da sensibilidade mediúnica, podemos distinguir de forma genérica o grau de evolução das entidades espirituais, seja por sensações agradáveis ou desagradáveis. O espírito jamais consegue disfarçar a condição espiritual que se encontra, bastando a análise fluídica das impressões.

Também é possível se identificar os espíritos pelo conteúdo da mensagem, pois eles sempre revelam sua condição espiritual justamente pelo que dizem e como dizem, descontando-se as influências do intermediário de que faz uso. Entidades elevadas são obje-

tivas e simples, enquanto que os atrasados usam comunicações cheias de palavras difíceis, amontoadas em frases brilhantes, mas de sentido completamente vazio e às vezes até contraditório.

Outro recurso de identificação é o da clarividência, mas de uso bastante restrito e delicado. Cada médium vidente vê de acordo com sua própria capacidade de exteriorização perispiritual e sintonia vibratória. Pode ocorrer que dois bons e autênticos videntes, em um mesmo lugar e ambiente, estejam percebendo situações diferentes na mesma hora, ou seja, um não poderá confirmar o que outro consegue registrar.

A clarividência é um bom recurso para se identificar o espírito desencarnado, mas depende muito do médium, de sua segurança, de seu equilíbrio, não devendo se basear tão somente neste recurso para se afirmar a identidade do espírito.

A informação do clarividente sempre deve ser verificada, analisada e comparada

com outros fatores auxiliares e também importantes na identificação dos espíritos, como a qualidade do ambiente, a necessidade e oportunidade da presença do espírito, as sensações causadas nos circunstantes, o conteúdo da comunicação (se houver) etc.

Agora, é natural que uma entidade espiritual que se comunique constantemente conosco acabe por se tornar conhecida e querida a ponto de ser considerada elemento do próprio grupo. Determinados detalhes podem levar a se presumir que se trata desta ou daquela entidade. Assim é que fica sendo reconhecida pelo modo de falar, pelo estilo, pelo conteúdo da mensagem, podendo, no entanto, comunicar-se por outros médiuns e sofrer a influência do clima mental de quem lhe serve de intermediário.

A necessidade de identificação

Em se tratando de espíritos que vêm à sessão para serem orientados, consolados e receberem o alívio da prece, não vemos ne-

cessidade alguma que levantemos seus dados biográficos. Durante a atividade mediúnica, estamos para atender a quem precisa, portanto, não devemos perder tempo fazendo inquirições sem fim somente para satisfazer uma vã curiosidade. Seria falta de caridade identificar antes de socorrer. Vivendo problemas angustiantes e estando confusos quanto à noção de tempo e espaço a que estavam condicionados na Terra, muitos deles são incapazes de informar com segurança quem realmente são.

Desta maneira, é reprovável o uso de alguns doutrinadores que chegam ao absurdo de pedir o nome da entidade ou até detalhes minuciosos para sua identificação, quando o que se deve fazer é atendê-la com o máximo de carinho e amor cristão, proporcionando-lhe esclarecimento e conforto espiritual através das vibrações de amor e paz. Entretanto, quando eles se dignam espontaneamente a fornecer alguns dados com relação à sua personalidade, sempre é interes-

sante confirmá-los, se houver essa possibilidade, para efeito de estudo.

Quando se tratar de uma entidade que procura dar orientações, o nome que usa é secundário e pouco deve influir quanto à aceitação ou não da mensagem, pois o conteúdo é o elemento primordial.

O médium iniciante não deve se preocupar por não ter a mínima intuição a respeito da identidade do espírito que através de si se comunica. Só com o tempo e o treinamento é que terá a capacidade de identificar perfeitamente as entidades comunicantes.

Os mistificadores

Um dos maiores obstáculos para a divulgação e aceitação do Espiritismo é a mistificação, que é o ato de uma entidade tentar enganar os presentes quanto à sua identidade e à sua posição espiritual.

A mistificação pressupõe engodo, engano, dolo, mentira e pode ser produzida por espíritos desencarnados, bem como também

pelo próprio médium, consciente ou inconscientemente. Na mistificação, sempre existe o desejo de enganar, trapacear, dar características de verdade ao que é falso.

Os espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Mas se traem de tantos modos que é preciso ser cego para se deixar iludir. Só enganam os que se deixam enganar. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras que têm finura e saber.

Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as idéias, que inclusive tomam por sublimes idéias falsas e vulgares. No que diz respeito à identificação dos espíritos que se comunicam nas chamadas “sessões de doutrinação”, o que deve interessar é o problema da entidade em si, o que ela necessita e a sua consolação.



Outro recurso de identificação é o da clarividência, mas de uso bastante restrito e delicado. Cada médium vidente vê de acordo com sua própria capacidade de exteriorização perispiritual e sintonia vibratória

Tiptologia ou “mesas girantes”

As comunicações mediúnicas realizadas através do processo de tiptologia ou “mesas girantes” caracterizam-se por uma mesa que pode se mover em várias direções ou se levantar, obedecendo ao comando mental e à vontade dos desencarnados. Seus movimentos serão certos e positivos na mesma proporção em que assim forem a qualidade e a natureza da massa ectoplasmática arregimentada pela afinidade entre os presentes. O grau de sensibilidade da mesa girante é proporcional ao potencial de força nervosa e de magnetismo retirados dos presentes e conjugados, o que facilita sua liberação da força gravitacional do mundo físico em conformidade com o volume e a natureza do ectoplasma extraído do ambiente.

As comunicações pela taptologia são mais favoráveis quando se encontra algum médium de fenômenos físicos entre seus participantes. Ele pode auxiliar o trabalho fornecendo os fluidos necessários para se interpenetrar os interstícios dos átomos elétricos do duplo etérico da mesa, que se ajustam com os átomos e sistemas eletrônicos de sua estrutura material em perfeita conexão.

Na falta de um médium adequado a esse gênero de trabalho, o maior sucesso e exatidão dependerá da melhor harmonia dos fluidos de todos os integrantes. É a sintonia



fluídica na mesma faixa vibratória que neutraliza a força gravitacional para os desencarnados operarem livremente a mesa nos trabalhos de tiptologia. Só depois de decorrido o tempo necessário para a adaptação preliminar entre todos os componentes do trabalho é que se efetua o intercâmbio satisfatório e compreensível com os desencarnados, através das batidas convencionadas em alfabeto durante o movimento da mesa.

O sucesso técnico da tiptologia depende sobremaneira da quantidade e qualidade do amálgama de fluidos que se possa combinar entre os presentes. A qualidade fluídica se relaciona com o nível intelectual do trabalho, que, principalmente no início, fica restrito à média da mentalidade de todos os seus componentes, pois suas idéias influem na manifestação tiptológica de forma consciente ou inconsciente.

Influência anímica

Essa fusão mental impede uma ação ab-

solitamente independente por parte dos espíritos desencarnados que operam no além, pois a coerência e a fidelidade no trabalho só é possível após um certo tempo de intercâmbio mediúnicos e uma maior afinidade entre todos os assistentes. O fracasso, a incoerência e a confusão de muitos trabalhos tiptológicos resultam da precipitação de seus próprios componentes, que exigem provas indiscutíveis da imortalidade e a identificação minuciosa dos espíritos comunicantes já de início, ignorando que, na fase preliminar dessas experiências mediúnicas, ainda predomina fortemente a interferência anímica dos que participam e acompanham os trabalhos.

Às vezes, a mesa se move pela ação psicomagnética dos próprios assistentes, desobedecendo ao comando dos espíritos desencarnados. Diante disso, em virtude de atuarem em uma faixa vibratória mais sutil, ficam sem poder interferir. Todas as vezes que o trabalho de tiptologia fica restrito à área mental dos encarnados, fica impossível ob-

ter conclusões objetivas sobre as perguntas formuladas.

Alguns participantes cuja mente e vontade são muito desenvolvidas podem, no começo do intercâmbio tiptológico, interferir ou truncar a resposta dos espíritos operantes, impondo suas próprias conclusões ou mesmo certas emanções do subconsciente e configurando uma espécie de interferência anímica nas respostas advindas da mesa. Assim, os assuntos tratados por meio de convenções tiptológicas se juntam à média do nível de entendimento comum daqueles que se reúnem e essa “cortina psíquica” impede os espíritos de manifestarem suas idéias. Conseqüentemente, os resultados e conclusões espirituais obtidas pela tiptologia decepcionam, pois a comunicação dos espíritos é vacilante e confusa, ressaltando a necessidade de haver muito treino, contato mediúnico e paciência, a fim de que o trabalho de tiptologia compense de maneira integral.

O temperamento do comunicante

A partir do momento em que os participantes dos trabalhos de tiptologia realmente se interessem pelo progresso moral e por sua ascensão espiritual, o intercâmbio mediúnico se disciplina e alcança um ritmo produtivo e sério. Com a singularidade da mesa, até mesmo o temperamento dos próprios espíritos comunicantes pode ser revelado.

Isso só é possível porque a mesa tiptológica passa a ser o prolongamento móvel e material do espírito comunicante no plano físico, pois é o instrumento que ele dispõe para manifestar sua inteligência e exprimir o teor de seu psiquismo. Assim, através dos movimentos que efetua, fica demonstrada a natureza dos sentimentos, do temperamento e da psicologia que a animam. Como intérprete material e sensibilizada pelo magnetismo humano em sua movimentação para dar o recado do além, a mesa também se impregna com algo do contexto psicológico de seus próprios comunicantes desencarnados.

Ao mesmo tempo em que o espírito comunicante transmite seus pensamentos pela tiptologia, que é a “linguagem das pancadas”, também exprime a natureza de seus sentimentos pela sematologia, a “linguagem dos sinais”. Assim, quando entidades benfazejas e serenas se comunicam, fazem com que a mesa se curve ou bata docemente, efetuando movimentos tranqüilos e suaves. Já espíritos severos e enérgicos, mas bem-intencionados, promovem batidas firmes e movimentos rápidos e decisivos. Espíritos destros e de muita vitalidade espiritual manejam a mesa com firmeza e segurança, enquanto que os recém-desencarnados, sofredores ou acabrunhados pelo remorso a movem de modo penoso e incerto, pois ainda se manifestam psiquicamente debilitados e confusos.

Por outro lado, entidades agressivas e mal intencionadas efetuam movimentos bruscos e rudes, apresentando um estilo tiptológico carregado de hostilidade. Os espíritos coléricos produzem movimentos impacien-

tes e nervosos, enquanto que levianos, zombeteiros ou mistificadores traem seus impulsos duvidosos e falsos na burla contra os encarnados. Por fim, espíritos néscios e estúpidos do Além acionam a mesa tiptológica desatinadamente e de modo confuso.

Giros e movimentos

De acordo com a situação atravessada pelos participantes, a cada dia ocorre uma movimentação peculiar da mesa, devido à intensidade e necessidade energética da noite. Podemos ter uma falta de energia cinética e isso deve ser compensado com a doação de ectoplasma de cada um. Então, teremos uma demora maior no início da movimentação da mesa, pois esse ectoplasma deve ser trabalhado e sua quantidade é ajustada pelos dirigentes espirituais.

Na dimensão espiritual, o trabalho é intenso e começa logo ao amanhecer do dia em que será realizado. A alimentação e a psique dos membros do grupo pode influen-

ciar neste ectoplasma, cuja densidade varia logo após ser preparado. Portanto, eles devem se abster de alimentos pesados neste dia, pois, caso contrário, os esforços terão de ser redobrados.

A movimentação da mesa pode ser dividida em rápida, lenta, vigorosa, de pouca intensidade, sentido horário, sentido anti-horário, em um pé só ou batidas no solo.

De forma errônea, muitos pensam que a tiptologia é um trabalho mediúnico de baixa qualidade espiritual, no qual só operam espíritos inferiores. Na verdade, o que determina a qualidade superior ou inferior de qualquer trabalho mediúnico não é o seu gênero de expressão, mas principalmente as condições morais e a natureza dos objetivos de seus componentes. Não há dúvida de que a sintonia com os espíritos desencarnados também dependerá das boas ou más intenções dos encarnados.

A mesa tiptológica é apenas um meio, um instrumento convencional para ajustar os

interesses e facultar as relações entre vivos e mortos como ponto de apoio. Conseqüentemente, a tiptologia é um gênero de trabalho mediúnico que também permite o cuidado com assuntos elevados, desde que seja praticada por criaturas mais interessadas em sua ascensão espiritual do que na solução de seus problemas da vida material transitória.

Atraindo espíritos desequilibrados

Os espíritos inferiores são atraídos para os trabalhos mediúnicos pelos objetivos ou pelas intenções condenáveis, não pelo tipo de comunicação mediúnica adotada. Qualquer trabalho mediúnico sem finalidade superior de libertação espiritual e que se cristaliza no intercâmbio mercenário com entidades inferiores acaba sempre agravando a escravidão da criatura às formas terrenas.

Em qualquer trabalho de intercâmbio com o além, são os propósitos adotados por seus componentes que elevam ou rebaixam tanto o nível espiritual como o intelectual. A

base fundamental do progresso e êxito dos trabalhos mediúnicos ainda é a natureza elevada de seus objetivos, pois só assim se afastam as entidades galhofeiras e levianas que costumam interferir em qualquer empreitada medianímica de propósitos triviais ou interesses materiais.

Esses espíritos irresponsáveis fazem de tudo para quebrar a fé e semear a desconfiança, a intriga ou decepções mais amargas entre aqueles que se colocam totalmente sob sua direção subversiva. Porém, diante da inutilidade de seus esforços, dispendidos para subverter ou mistificar os encarnados, os galhofeiros e malfeitores se afastam.

Em comunicações perversivas pela tiptologia, espíritos maus, levianos e escarnecedores envolvem os encarnados com respostas incompletas e ditam frases tolas como se fossem assuntos importantes. Além disso, algumas vezes, obrigam os componentes do trabalho tiptológico a enfrentarem longas esperas e imobilizam a mesa girante, ao mes-

mo tempo que se divertem com a perplexidade e indecisão incomodativa causadas pelo fato. Também fazem as mesmas palavras serem escritas várias vezes, produzem ditados paradoxais, compõem histórias falsas e revelações exóticas, predizem acontecimentos contraditórios e sentem prazer em atiçar a curiosidade dos presentes para, depois, deixá-los no meio do caminho.

Os mais pervertidos se aproveitam da incipiência, da leviandade ou do interesse vulgar dos presentes para, através da mesa girante, comporem palavras e frases obscenas, transmitirem falsos avisos de morte, semearem aflição entre os que lhes recebem, preverem enfermidades atrozes, receitarem remédios extravagantes e beberagens nocivas aos doentes como sábias prescrições médicas, induzirem seus admiradores às adorações idólatras e à crença em idiotices religiosas, recomendarem a utilização de talismãs ridículos, insígnias tolas ou orações misteriosas, fazerem profecias levianas e despre-

ocupadas de qualquer consequência futura, assegurarem promoções na carreira de funcionários e predizerem excelentes sucessos políticos ou transações no comércio.

Levitação

O fenômeno de levitação ocorre quando pessoas ou coisas são erguidas ao ar sem o auxílio exterior de caráter material, aparentemente contrariando as leis da gravidade. Muitas teorias foram aventadas para explicar esse fenômeno, mas o que realmente se dá é que os espíritos operantes envolvem a pessoa ou coisa a levitar em fluidos, isolando-as do ambiente físico sobre o qual normalmente se exerce a lei do peso. Assim, isoladas, tais pessoas ou



coisas podem ser facilmente manejadas em qualquer sentido.

A ação do espírito sobre o material a ser levitado se realiza através da utilização de suas próprias mãos, convenientemente materializadas, ou com o auxílio de hastes, bastões, espátulas e outros objetos fluídicos previamente condensados. Porém, em todos os casos, a ação do operador invisível se dá sempre sobre a substância isolada, que passa a ser um suporte, uma base. Os casos mais raros desta modalidade são as levitações plenas do corpo do médium. Às vezes, durante o transcurso do fenômeno, ele pode permanecer plenamente consciente, mas normalmente está em transe.

Um exemplo clássico destes fenômenos foram as levitações do médium Daniel Dunglas Home, que, só na Inglaterra, foi levantado mais de cem vezes, indo até o teto do aposento em algumas delas, onde permanecia em várias posições e bastante consciente. O caso do médium foi fartamente do-

cumentado por pessoas que pesquisaram os fenômenos produzidos por ele, como o ocorrido em 13 de dezembro de 1868, quando Home flutuou horizontalmente, como se estivesse deitado em uma cama, através de uma janela aberta no terceiro andar de uma casa, voltando por outra e, depois, ficando em pé. O fenômeno foi repetido em seguida, sempre diante de testemunhas. Em outras ocasiões, ele levitou em uma sala diante de um grupo de pessoas.

Tivemos ainda outros casos de pessoas que exemplificaram o fenômeno de levitação, como Carmine Mirabelli, de quem há fotografias, tiradas à luz do dia, que o mostram de pé, com os braços abertos, levitando bem acima do chão, quase atingindo o teto do salão com a cabeça, ou São José de Cupertino, que levitou e voltou voando para sua cela, diante de um embaixador e sua esposa. No século XIX, Eusápia Paladino conseguiu se erguer no ar mesmo amarrada a um móvel por grossas cordas. Entre os san-

tos, sabe-se que Santa Tereza d'Ávila se agarra-
va a grades para resistir ao efeito da levita-
ção e foram incontáveis os testemunhos de
pessoas que observaram São Pedro de Alcân-
tara levitar.

O que é materialização de espíritos?

Toda categoria de mediunidade que sensibiliza diretamente os órgãos dos sentidos físicos dos observadores é conhecida como de efeitos físicos, materiais ou objetivos. Nessa classe, eles se revelam na forma de fenômenos objetivos, envolvendo elementos materiais que permitem um exame direto por parte dos encarnados presentes, mesmo que não sejam médiuns ostensivos.

O médium de efeitos físicos é aquele que serve de intermediário em todos esses fenômenos, que são audíveis, visíveis e sensíveis aos sentidos humanos. Ao contrário da mediunidade de efeitos intelectuais, ele não é o agente produtor dos fenômenos, mas apenas um elemento que fornece parte dos fluidos necessários aos trabalhos, pois tam-

bém são precisos outros fluidos vindos de outras fontes.

A mediunidade de efeitos físicos pode se apresentar de variadas formas, sendo que as mais comuns são a materialização, o transporte, a levitação, a transfiguração, a bilocação, a bicorporeidade, a voz direta, a escrita direta, a sematologia e a tiptologia. Além disso, ela permite aos desencarnados fabricarem moldes de parafina e gesso, produzirem efeitos luminosos e desmaterializar objetos.

Para esse fim, os espíritos utilizam o fluido ectoplasmático extraído do médium de efeitos físicos, esteja ele em transe cataléptico (suspensão total dos movimentos voluntários) ou em estado de vigília, uma ocorrência mais rara entre os sensitivos desse gênero. Em geral, os espíritos precisam juntar ao ectoplasma do médium os fluidos que conseguem dos demais que participam do trabalho mediúnico, ingredientes ainda desconhecidos dos encarnados. É aconselhável usar músicas leves e aprazíveis nestas sessões, pois

ajudam a harmonizar a vibração mental do ambiente, de modo a favorecer a fenomenologia comandada pelos desencarnados.

Nas reuniões de materialização, os espíritos geralmente pedem que sejam deixadas duas vasilhas com capacidade de mais ou menos 20 litros. Em uma delas, enche-se de parafina dissolvida e fervente, mantida no fogo para conservar uma temperatura entre 80 e 100 graus centígrados (ou mais), enquanto que a outra recebe água fria. Da assistência, é possível se ouvir a parafina ferver e espoucar em ebulição.

Para realizar o trabalho de confecção das luvas, mãos ou pés, o espírito materializado se aproxima das latas e mergulha o membro que deseja reproduzir na parafina fervente. Por exemplo, a mão. Após esse primeiro mergulho, o espírito vai derramando a parafina líquida com a outra mão sobre aquela já recoberta com a camada inicial. Quando julga que a luva está como deseja, mergulha a mão recoberta de parafina fervente na água

fria e, neste momento, desmaterializa a mão espiritual, que desaparece e deixa apenas a luva de parafina.

Este é o método mais comum. Se enchermos a luva fabricada com gesso molhado, teremos a reprodução fiel da mão humana, notando-se todas as linhas originais e até mesmo os cabelos e poros da pele. Os moldes de parafina são feitos somente nas materializações parciais, pois não há prejuízos ao médium, que não está com seu duplo etérico envolvido no caso.



Luas de parafina

Equipes espirituais

O sucesso da fenomenologia mediúnica não depende apenas do médium que fornece ectoplasma ou dos que auxiliam na doação de fluidos. Conta com a eficiência e o conhecimento da equipe de espíritos que opera do alto, técnicos especializados e espíritos auxiliares que têm como objetivo processar os trabalhos de efeitos físicos na Terra.

Habilidosos no manuseio da química transcendental, estes espíritos operam sobre as substâncias etéreo-astrais que, depois, devem ser combinadas com o ectoplasma do médium. Disciplinados, sensatos e conscientes de sua responsabilidade, desempenham as tarefas com mais segurança e eficiência que os encarnados. De acordo com a aptidão individual, subdividem-se em suas funções delicadas, participando ativamente da fenomenologia mediúnica. São elas: diretor, químico-chefe, auxiliar, coordenador, cooperador e segurança ou defensor.

Além do conjunto que opera praticamente na produção de fenômenos físicos, há ainda o elemento que serve de ligação entre os desencarnados e os encarnados, uma espécie de sentinela encarregado de avisar os técnicos siderais sobre quando se realizará uma reunião, a fim de que possam efetuar as providências previstas no ambiente, que são: a higienização fluídica do local, a proteção fluídica, a ionização do ambiente e o emprego de recursos preventivos contra as emanações tóxicas dos assistentes viciosos.

Dificuldades nos trabalhos

O médium, que é uma das peças mais importantes dos trabalhos de efeitos físicos, raramente é uma criatura capaz de cumprir com inteligência a sua obrigação espiritual. Sendo independente, vivendo no mundo físico a seu modo e, muitas vezes, com conduta e sentimentos até opostos à exigência do intercâmbio com o além, ele constitui uma barreira contra a qual as entidades técnicas

têm de se defrontar em um labor heróico.

Os espíritos amigos e benfeitores fazem de tudo para sanar esses inconvenientes e proteger o médium da infiltração subversiva do mundo espiritual inferior durante a manifestação mediúnica. Assim, eles lhe higienizam a aura, ionizam o ambiente de trabalho e projetam raios terapêuticos de extinção bacteriana para evitar um contágio nocivo, cercam-lhe de extremos cuidados e lhe intuem a agir para que se encontre em condições favoráveis no trabalho da noite.

Aquele que deseja fazer parte dessas sessões de efeitos físicos deve se dispor a todos os sacrifícios, como, por exemplo, não comer carne. Dizem os espíritos que ela deixa nódoas negras no organismo perispiritual de quem a ingere, devendo ser retiradas antes de se iniciarem os trabalhos, caso contrário, elas atingirão o ectoplasma do médium e o prejudicarão em sua saúde física e espiritual. Não podendo retirá-las do elemento que as possui, os espíritos são obrigados a isolá-

las e, para isso, gastam fluidos que seriam usados para os trabalhos de materialização ou tratamento de doentes.

Não comendo carne, colaboramos com os espíritos, pois não terão de nos isolar ou gastar a energia que será aplicada nos fenômenos. Os freqüentadores assíduos do grupo devem se abster completamente deste hábito, mas aqueles que vão assistir os trabalhos apenas uma ou duas vezes poderão deixar de comer carne somente no dia da reunião.

As bebidas alcoólicas e o fumo enquadram-se no mesmo caso da carne, supomos até que com maior gravidade. Quem gosta de beber e fumar deve escolher entre isso e as reuniões. Ninguém poderia imaginar Jesus embriagado ou fumando um cigarro, bem como não imaginaremos um dos apóstolos nessas condições.

Também existem outros fatores que desgovernam os médiuns, como aquele que é disciplinado, frugal e adverso ao álcool, mas é prepotente e presunçoso, aquele de con-

duta louvável, mas desconfiado a ponto de retardar seu progresso mediúnico por pavor de mistificar ou aquele que é atencioso, hábil e laborioso, mas negocia com sua faculdade espiritual.

Quando os espíritos guias dos trabalhos conseguem dispor de medianeiros razoáveis e bem intencionados, ainda têm de se exaurirem para ajustar os assistentes convidados ou os freqüentadores ávidos de fenômenos, mas quase sempre os principais causadores dos fracassos. Além disso, alguns participam das sessões de efeitos físicos depois de acaloradas discussões no lar, de atitudes hostis no ambiente profissional, no transporte ou na rua, carreando para o local os fluidos de violência, esquecendo que o éter desempenha uma função de suma importância na transmissão dos fenômenos para a tela física. A esfera mental do médium em transe é o centro convergente de todas as operações no que toca aos fenômenos físicos, razão pela qual os raios mentais nocivos e as explosões

emotivas dos assistentes o ferem, imprimindo uma direção oposta à desejada pelos espíritos comunicantes.

Transe cataléptico

Para os fenômenos de efeitos físicos, os espíritos necessitam do fluido ectoplasmático, extraído do médium em transe cataléptico ou em estado de vigília. Transe cataléptico é quando o médium entra em um sono profundo e, fisicamente, fica em posição estática, com os movimentos voluntários suspensos. Isso ocorre durante o fenômeno de materialização completa, porque o perispírito do médium fica isolado enquanto seu duplo etérico está sendo utilizado para a realização do fenômeno.

Nos casos de materialização parcial, o médium não necessita entrar em transe cataléptico, fornecendo ectoplasma para materializações ou voz direta mesmo assim. Neste caso, em vez dos espíritos deslocarem o duplo etérico do médium para elaborar a quan-

tidade e o tipo de ectoplasma que necessitam para determinado gênero de trabalho mediúnico, esse médium já o fornece na dosagem exigida e pronto para o uso imediato.

Desse modo, ele pode palestrar com as entidades que operam ao seu redor e atender às solicitações dos presentes sem revelar qualquer anomalia ou cessar o fenômeno de materialização ou voz direta. Aliás, quando os espíritos dispõem de ectoplasma suficiente e já dosado na fórmula química prevista, eles costumam despertar o médium do transe cataléptico e também conversam com ele, dando-lhe instruções ou fazendo advertências sobre sua conduta moral.

Materializações de espíritos

Os espíritos desencarnados não podem se materializar servindo-se apenas de seu perispírito. Para que possam conseguir isso, revestem-no e o interpenetram com a substância plástica ectoplasmática que parte do



Materialização de espírito com
o médium Francisco Peixoto Lins (Peixotinho)

duplo etérico projetado pelo médium ou das pessoas presentes.

Durante as sessões de fenômenos físicos de materialização, o ectoplasma fornecido pelo médium em transe atua com êxito no limiar do mundo etérico e físico, incorporando-se à fisiologia do desencarnado através de avançados processos técnicos e de química transcendental. Quando ele circula por toda a vestimenta perispiritual pela vontade do espírito comunicante, esta se materializa diante da visão e do toque dos encarnados.

Porém, se o desencarnado preferir efetuar o acúmulo de fluidos ectoplasmáticos apenas em um de seus órgãos, como fígado, pulmão ou coração, então ele se tornará palpável ao exame dos sentidos físicos e apresentará todas as reações e o ritmo idênticos aos do corpo carnal. O espírito pode, por exemplo, materializar preferencialmente o seu coração perispiritual, destacando-o dos demais órgãos de seu perispírito, revelando corretamente seus movimentos de diástole e sístole

cardíaca graças à cota de ectoplasma do médium e da parte extraída dos assistentes.

Em virtude da indocilidade do éter físico, que é difícil de ser submetido completamente ao domínio dos desencarnados, estes se vêem obrigados a aparecer aos encarnados de modo grotesco, ora recortando nitidamente a cabeça, mas deformando o restante de sua figura perispiritual, ora incorporando as mãos, mas sacrificando a delicadeza da fisionomia. É apenas questão de economia fluídica, como os técnicos siderais também fazem na voz direta, quando utilizam todo o



ectoplasma disponível para a confecção da laringe provisória enquanto

Espírito materializando-se, utilizando o ectoplasma do médium Peixotinho. Chico Xavier ao lado

cessam os demais fenômenos, como levitação ou materializações.

Nos trabalhos de efeitos físicos, os fenômenos só ocorrem simultaneamente quando os espíritos manifestantes também dispõem de bastante ectoplasma. Assim, muitas vezes, os encarnados estranham as figuras deformadas que se manifestam ou se decepcionam, crentes que os espíritos são realmente criaturas lúgubres, disformes e fantasmagóricas.

A importância da música

Nos trabalhos de efeitos físicos, a música contribui com o apuramento e a sintonia das vibrações mentais dos assistentes e do ambiente no qual se realizam ou se processam tais fenômenos, favorecendo seu êxito. Embora os sons da música repercutam na atmosfera e não no éter, eles influenciam os assistentes ao integrá-los em uma só frequência vibratória e favorecendo os espíritos no sentido de conjugarem o ectoplasma do mé-

dium às energias psíquicas que são mobilizadas no espiritual.

As ondas sonoras estimulam e se combinam com as vibrações perispirituais dos desencarnados e encarnados, resultando em uma maior exalação de ectoplasma do médium e das energias vitais dos presentes. A música auxilia vibratoriamente esse gênero de trabalho mediúnico, mas como ela exerce profunda influência na alma dos seres, é sempre conveniente a preferência por canções isentas de tragédias, melodramas, situações lúgubres, burlescas ou de profunda tristeza, a fim de se evitar a degradação emotiva dos assistentes durante a fenomenologia mediúnica.

O papel da música é nutrir o otimismo dos presentes, evitando que se perturbe a coesão da harmonia mental e psíquica essencial ao sucesso dos trabalhos de efeitos físicos, bastante complexos e com certa responsabilidade por natureza. Porém, em breve, a música de amplitude e sentimento espiritual

será um elemento integrante e até obrigatório em todos os ambientes onde se processarem os fenômenos de psiquismo mediúnico, não só nessas sessões complexas, mas em todas as reuniões doutrinárias.



Materialização de um espírito que havia sido um médico árabe. Ele era materializado e realizava cirurgias espirituais
Foto de 1969/Lar Frei Luiz (RJ)



Materialização de rosto com o médium Francisco Peixoto Lins (Peixotinho)

A ciência espírita de Willian Crookes

Quando se diz que William Crookes foi o maior químico da Inglaterra e um dos mais ilustres cientistas do século XIX, é preciso acrescentar à sua gloriosa trajetória o fato de seu nome ser constantemente mencionado como um dos mais corajosos pesquisadores dos fenômenos supranormais, devido às relevantes e pioneiras experiências no campo da fenomenologia espírita.

Nascido em 17 de junho de 1832, em Londres, Crookes sentiu-se atraído logo cedo pelas ciências experimentais, destacando-se no Colégio Real de Química, onde estudou. Posteriormente, foi convidado para exercer o cargo de inspetor de meteorologia do observatório de Radcliff. Após se casar aos 23 anos de idade, fixou residência em Londres, época

em que assumiu a cadeira de química na Universidade de Chestere, passando a publicar artigos científicos em revistas especializadas.

Em 1861, coroando seu incansável trabalho com pesquisas, Crookes ficaria mundialmente conhecido e respeitado ao isolar o tálio, metal branco que se aproxima do chumbo por sua cor e dureza, e determinar suas propriedades físicas. Inventando os “tubos Crookes”, explicou os raios catódicos, raios invisíveis que se propagam rapidamente e penetram nos corpos. Em 1872, após persistentes estudos em torno do espectro solar, construiu o radiômetro, a fim de estudar melhor a aparente ação repulsiva dos raios luminosos. Descobrindo um novo tratamento para o ouro, determinou também o quarto estado da matéria, apresentando ao mundo a Teoria da Matéria Radiante, que se tornaria o “conceito de fluidos”.

Químico e físico por excelência, William Crookes exerceu importantes cargos em diversas sociedades eruditas, como presiden-

te da Sociedade Real de Química, do Instituto de Engenharia Eletricista, da Sociedade Britânica e da Sociedade de Investigações Psíquicas. Por causa de suas relevantes descobertas, foi recompensado com merecidos prêmios pela Academia de Ciências da França, recebendo ainda a medalha de ouro da Sociedade Real, a medalha Davy e a medalha Sir G. Coprey. Por fim, foi condecorado pela Ordem do Mérito da Inglaterra e, em 1897, agraciado pela rainha Vitória com o título de Sir.

Próximo dos 40 anos de idade, Crookes se tornou um dos nomes mais respeitados da época, não só na Inglaterra, mas em todo o mundo. Dedicado, perfeccionista e com uma comprovada fibra de pesquisador, teve suas experiências acei-



William Crookes

tas sem a menor contestação, legando inestimáveis obras ao mundo científico e expondo todo o seu conhecimento. O livro *Métodos Seletos de Análise Química* se transformou em um dos mais completos do gênero. Deve-se também a ele a fundação de importantes órgãos de divulgação, como o *Chemical News* e o *Quartely Journal of Science*.

Adesão ao Espiritismo

Enquanto isso, uma nova luz brilhava nos horizontes mentais do mundo. Na França, Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido posteriormente como Allan Kardec, professor de várias disciplinas científicas e portador de uma ampla cultura, estabeleceu a origem dos fenômenos espirituais, provocando uma série de controvérsias e polêmicas.

O lado científico que caracterizava a nova doutrina, chamada por ele de Espiritismo, chamou a atenção de renomados cientistas ingleses, que iniciaram pesquisas no

campo da fenomenologia mediúnica com resultados positivos. No entanto, fazendo prevalecer a razão que sempre o caracterizou, William Crookes recebeu os fatos com naturalidade e, sem empregar subterfúgios, utilizou-se de atitudes corajosas e definitivas para fazer ressalvas ao trabalho deles.

Em 1896, o cientista recebeu a visita do professor Daniel Dunglas Home, famoso médium inglês que realizava especificamente o fenômeno de levitação. Procedente de São Petesburgo, na Rússia, entregou-lhe uma carta do professor Butleroff, um conhecido pesquisador de fenômenos parapsicológicos, cujo texto solicitava a Crookes que aplicasse todo o seu cabedal de conhecimentos para a causa da nova doutrina.

Então, com o mesmo espírito pesquisador que o celebrizou no campo científico, William Crookes passou imediatamente a realizar as primeiras investigações sobre fenômenos espirituais. Para isso, contou com a valiosa colaboração dos médiuns J. J. Morse

e sra. Marshall, que serviram de instrumentos, além de uma jovem inglesa que se tornaria muito importante.

A materialização de Katie King

Nascida em 1856, Florence Cook tinha apenas 15 anos de idade quando se apresentou a William Crookes para servir como medianeira para as pesquisas científicas realizadas por ele. Tinha contra si e sua corajosa atitude o parecer de um cavalheiro inglês, Sir Wolckmann, que havia lhe imputado suspeitas de fraude. Entretanto, contando com o auxílio da esposa do cientista, a jovem Florence se submeteu às experimentações científicas, com o objetivo de comprovar sua mediunidade.

Em 22 de abril de 1872, ocorreu a primeira materialização do espírito Katie King, fato que contou com a presença da mãe, de alguns irmãos e da criada da médium. A partir daí, com a manifestação regular desse espírito, a senhorita Cook se prontificou a co-

laborar com todo gênero de identificações, visando acabar com a descrença que Crookes ainda alimentava.

Gradualmente, as famosas manifestações de Katie King foram proporcionando belíssimas sessões, tudo dentro da maior seriedade e nos moldes previstos pela doutrina espírita. As experiências levadas a efeito ganharam tamanha notoriedade que abalaram o mundo científico. Enquanto isso, Crookes trabalhava incessantemente, aprofundando-se nas investigações e tendo em sua esposa uma auxiliar direta e eficiente.

Quando constatou que os casos eram verídicos, ele não hesitou em ex-



William Crookes com o espírito Katie King

por seu nome consagrado, passando a se dedicar com seriedade e amor à tarefa investigativa, além de receber apoio moral e intelectual. Embora cientistas de renome tenham hesitado em proclamar a verdade mesmo diante da veracidade dos fatos, temendo as conseqüências, eles se calaram em respeito a Crookes e tudo que ele representava.

Então, em 16 de junho de 1871, Sir William Crookes entregou pessoalmente à rainha Victória um relatório no qual confirmava a veracidade dos fenômenos espíritas, através dos fatos ocorridos com a jovem médium Florence Cook.

O reconhecimento

William Crookes desencarnou em Londres em 04 de abril de 1919, aos 86 anos de idade. Seu nome sempre foi sinônimo de respeito no campo científico em virtude de suas atitudes arrojadas e definidas. Quando se tornou espírita convicto, durante sua trajetória não menos brilhante, soube explorar como

ninguém o lado científico que a doutrina oferece. Em sua obra espírita, nota-se muito claramente os fortes reflexos do cientista que, com idéias nobres, desempenhou a missão que lhe foi designada na Terra.

Crookes legou uma notável contribuição para todos aqueles que defendem a imortalidade da alma, a ponto de ser mencionado como um dos pesquisadores mais corajosos dos fenômenos supranormais. Seu livro *Fatos Espíritos*, um valioso repositório de verdades comprovadas, não encontrou opositores. Nele, há uma súmula de trabalhos publicados pelo cientista em 1874 nas páginas do *Quartely Journal of Science*, nos quais expõe, de modo convincente, que o fenômeno de materialização de entidades representa a prova real da grandeza divina.

O que é mediunidade de cura?

A mediunidade de cura é a capacidade possuída por certos médiuns de curarem moléstias por si mesmos, provocando reações reparadoras de tecidos e órgãos do corpo humano, inclusive as oriundas de influencição espiritual. Assim como existem médiuns que emitem fluidos próprios para a produção de efeitos físicos concretos (ectoplasmia), temos igualmente os médiuns que emitem fluidos que operam todas as reparações acima referidas.

Na essência, o fluido é sempre o mesmo, uma substância cósmica fundamental. Mas suas propriedades e efeitos variam imensamente, conforme a natureza da fonte geradora imediata, da vibração específica e, em muitos casos (como este de cura, por exem-

plo), do sentimento que precedeu o ato da emissão.

A diferença entre os dois fenômenos é que no primeiro caso (ectoplasma), o fluido é pesado, denso, próprio para elaboração de formas ou produção de efeitos objetivos por condensação, ao passo que no segundo (curas), ele é sutilizado, radiante, próprio para alterar condições vibratórias já existentes.

Médium curador

Além do magnetismo próprio, o médium curador goza da aptidão de captar esses fluidos leves e benignos nas fontes energéticas da natureza, irradiando-os em seguida sobre o doente, revigorando órgãos, normalizando funções, destruindo placas e quistos fluídicos produzidos tanto por auto-obsessão como por influência direta.

O médium se coloca em contato com essas fontes ao orar e se concentrar, animado pelo desejo de fazer uma caridade evangélica. Como a lei do amor é a que preside

todos os atos da vida espiritual superior, ele se coloca em condições de vibrar em consonância com todas as atividades universais da criação, encadeando forças de alto poder construtivo que vertem sobre ele e se transferem ao doente. Por sua vez, este se colocou na mesma sintonia vibratória por meio da fé ou da esperança.

Os fluidos radiantes interpenetram o corpo físico, atingem o campo da vida celular, bombardeiam os átomos, elevam-lhes a vibração íntima e injetam nas células uma vitalidade mais intensa. Em consequência, acelera as trocas (assimilação, eliminação), resultando em uma alteração benéfica que repara lesões ou equilibra funções no corpo físico.

Nas operações cirúrgicas feitas diretamente no corpo físico, os espíritos operadores incorporam no próprio médium que dispõe desta faculdade. Este, como autômato, opera o paciente com os mesmos instrumentos da cirurgia terrena, porém sem anestesia e dis-

pensando qualquer precaução de assepsia. Em certos casos, embora raros, o espírito incorporado logra o mesmo resultado cirúrgico utilizando objetos de uso doméstico (facas, tesouras, garfos ou estiletes comuns) como instrumentos operatórios, igualmente sem quaisquer cuidados anti-sépticos.

O cirurgião invisível incorporado no médium corta as carnes do paciente, extirpa excrescências mórbidas, drena tumores, desata atrofias, desimpede a circulação obstruída, reduz estenoses ou elimina órgãos irrecuperáveis. Semelhantes intervenções, além de seu absoluto êxito, são realizadas em um espaço de tempo exíguo, muito acima da capacidade do mais abalizado cirurgião do mundo físico. Em tais casos, os médicos desencarnados fazem seus diagnósticos rapidamente, com absoluta exatidão e sem necessidade de chapas radiográficas, eletrocardiogramas, hemogramas, encefalogramas ou quaisquer outras pesquisas de laboratório.

Nessas operações mediúnicas processadas diretamente na carne, os pacientes operados tanto podem apresentar cicatrizes ou estigmas operatórios como ficarem livres de quaisquer sinais cirúrgicos. Em seguida à operação, eles se erguem lépidos e sem qualquer embaraço ou dor, manifestando-se surpreendidos por seu alívio inesperado e a eliminação súbita de seus males.

Nessas operações mediúnicas processadas diretamente na carne, os pacientes operados tanto podem apresentar cicatrizes ou estigmas operatórios como ficarem livres de quaisquer sinais cirúrgicos. Em seguida à operação, eles se erguem lépidos e sem qualquer embaraço ou dor, manifestando-se surpreendidos por seu alívio inesperado e a eliminação súbita de seus males.

A faculdade de curar pela influência fluídica é muito comum e pode se desenvolver por exercício. Todos nós, estando saudáveis e equilibrados, podemos beneficiar os doentes com passes, irradiações, água fluidi-

ficada etc. Aprendendo e exercitando, desenvolvemos nosso potencial de ação sobre os fluidos.

O poder curativo está na razão direta da pureza dos fluidos produzidos, como qualidades morais ou pureza de intenções, da energia da vontade, quando o desejo ardente de ajudar provoca maior força de penetração, e da ação do pensamento, dirigindo os fluidos em sua aplicação.

A mediunidade de cura, porém, é bem mais rara, espontânea e se caracteriza pela energia e instantaneidade da ação. O médium de cura age pelo simples contato, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, mesmo sem o uso de qualquer medicamento. No evangelho, existem numerosos relatos onde Jesus ou seus seguidores curam por ação fluídica, alguns deles examinados por Allan Kardec no livro *A Gênese*, capítulo XV.

Condições fundamentais para a cura
É lícito buscar a cura, mas não se pode

exigi-la, pois ela dependerá da atração e fixação dos fluidos curadores por parte daqueles que devem recebê-los. A cura se processa conforme nossa fé, merecimento ou necessidade. Quando uma pessoa tem merecimento, sua existência precisa continuar ou as tarefas a seu cargo exigem boa saúde, a cura poderá ocorrer em qualquer tempo e lugar, até mesmo sem intermediários (aparentemente, porque ajuda espiritual sempre haverá). No entanto, às vezes, o bem do doente está em continuar sofrendo aquela dor ou limitação, que o reajusta e equilibra espiritualmente, o que nos faz pensar que nossa prece não foi ouvida.

A cura total não está limitada apenas ao corpo, mas também ao espírito, ou seja, saúde ou doença são fatores que dependem de nosso equilíbrio e harmonia interior.

Façamos nossa parte!



EDITORA
escala

www.escala.com.br

Editora Escala

Av. Prof. Ida Kolb, 551 - Casa Verde -

CEP 02518-000 - São Paulo - SP

Telefone: (0xx11) 3855-2100

Fax: (0xx11) 3857-9643

Caixa Postal 16.381 -

CEP 02599-970 - São Paulo - SP

Presidência: Hercílio de Lourenzi

Vice-presidência: Mário Florêncio Cuesta

Diretor Comercial: André Blumberg

Diretor Financeiro: Jack Blumen

Direção comercial e marketing: Paulo Afonso de Oliveira

Gerente Editorial: Sandro Aloísio

Coordenação de produção editorial: Priscilla Mara Ribeiro, Angelo Di Martino e Lígia Puosso

Controle de qualidade (texto): Ciro Mioranza, Maria Nazaré Baracho e Jorge Mazieri

Circulação: Jane Cristina da Silva

Atendimento ao leitor: atendimento@escala.com.br

Coordenação: Anne Villar

Conselho Editorial: Amélia Pessoa, André Lima, Carlos Gonçalves, Carlos Mann, César Nemitz, Eddie Van Feu, Fábio Kataoka, Franco de Rosa, Marcos Evandro, Marques Rebelo, Moacir Costa, Moacir Torres, Paulo Fernandes, Paulo Paiva, Pricila Del Claro, Renata Del Claro, Renato Rodrigues, Rick Mann, Robson Oliveira, Rosana Braga, Rosely Ribeiro e Victor Rebelo

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR

BRASIL: (11) 3855-1000. atendimento@escala.com.br

Edição nº 01, ISSN XXXXXX - Distribuição com exclusividade para todo o Brasil, Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 907 (21) 3879-7766. Edições anteriores podem ser solicitadas ao seu jornaleiro ou na central de atendimento ao leitor (11) 3855-1000 ou pelo site www.escala.com.br ao preço da última edição, acrescido dos custos de postagem.

Disk Banca: Sr. jornaleiro, a Distribuidora Fernando Chinaglia atenderá os pedidos das edições anteriores da Editora Escala enquanto houve estoque.

IMPRESSÃO: Oceano Ind. Gráfica (11) 4446-6544

Filiada à **ANER**